

INTRODUÇÃO

A falta de compreensão para com o modo de vida do outro como ser único e dotado de características diferentes, seja de cunho físico, ideológico, de crenças, ou seja, a intolerância, a discriminação e o preconceito, muitas vezes de forma irracional, influenciam na formação das pessoas, que passam por transformações em cada instituição formadora, seja na família, na escola ou em outros espaços de convivência.

A diversidade e a tolerância são temáticas que deveriam se entrelaçar com a prática diária de cada indivíduo, o que resultaria em uma sociedade mais democrática e justa. (ALVES & FISCHMANN, 2001, p.35). Entretanto, na maioria das vezes as diferenças provocam o contrário, ou seja, estimulam preconceitos de todo tipo e origem, nos diversos âmbitos em que nos encontramos.

Portanto, essas temáticas devem ser problematizadas, observada a realidade atual que impõe grande necessidade de barrar qualquer forma de preconceito e discriminação, para que as relações interpessoais sejam permeadas de respeito e solidariedade. Para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social. (ORLICK apud BROTTTO, 1999, p.40).

Estudos apontam que o comportamento dos indivíduos é naturalmente o de cooperação. Logo, os atos de individualismo e extrema competitividade, que atualmente se destacam em nossa sociedade, são provindos do meio em que crianças, jovens e adultos estão inseridos, o que acarretará em uma possível formação inadequada destes indivíduos, caso não haja uma intervenção objetivando a reflexão e o senso crítico dos mesmos.

Os “Jogos cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar a consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais; em segundo lugar, promover efetivamente a cooperação entre as pessoas, na exata medida em que os jogos são, eles próprios, experiências cooperativas.” (BARRETO apud SOLER 2003, p.21) .

Este estudo se propõem a discutir como objetivo de estudo as relações e demonstrações entre as crianças de uma turma das séries iniciais do ensino fundamental,

seus desdobramentos ocasionados pela prática na oficina de jogos cooperativos, possíveis rupturas de experiências hegemonicamente individualistas.

Brotto (1999), diz que a cooperação é um processo onde os objetivos buscados são os mesmos e as ações beneficiam a todos. Partindo do ponto de vista desse mesmo autor, os jogos cooperativos são uma maneira de instigar as crianças e jovens a trabalharem a temática diversidade e tolerância de uma maneira prática, divertida, valorizando as ações dos mesmos como uma ponte para mudanças de valores e atitudes.

O jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima-se muito do trabalho. Não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino. (FREIRE, 1989, apud BROTTTO 1999, p.32).

METODOLOGIA

Neste item estão descritos os procedimentos metodológicos que foram utilizados durante o desenvolvimento do estudo. Inicialmente apresentamos as características da pesquisa. Na sequência, serão descritas as informações referentes a caracterização da oficina.

De acordo com Gil (2011), toda pesquisa pode ser definida como um processo sistemático e formal para o desenvolvimento do método científico, tendo por objetivo fundamental descobrir respostas para determinados problemas, de acordo com os procedimentos científicos.

Partindo desta definição o presente estudo pode ser caracterizado como uma investigação de campo, qualitativa de caráter descritiva exploratória (GIL, 2011).

Para Richardson (1999), a pesquisa qualitativa pode ser definida por uma relação de entrevista de sujeitos de um determinado grupo de interesse para o estudo, onde este breve contato pode ser resumido a uma entrevista ou explorado a ponto de sequenciadas observações mais aprofundadas.

A participação dos alunos na oficina foi viabilizada pela assinatura dos pais ou responsáveis ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – conforme a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

A oficina de jogos cooperativos foi pensada e desenvolvida pelo Programa de Educação Tutorial (PET) Diversidade e Tolerância da Universidade Federal de Pelotas, através dos graduandos de licenciatura em Educação Física da ESEF (Escola Superior de Educação Física), estes participantes do grupo. Surgiu primeiramente com o objetivo de ser um acréscimo positivo, que agregasse no desenvolvimento biopsicossocial da criança ou adolescente elementos formadores para diminuir os efeitos da intolerância através de jogos cooperativos.

A oficina foi realizada entre os meses de Abril e Junho do ano de 2012, aconteceram oito encontros, nos quais foram ministradas aulas práticas com duração de 50 minutos cada, para 19 alunos de uma turma de 4º ano de uma escola pública da rede estadual de ensino de Pelotas/RS.

Com o término de cada aula era realizada uma discussão entre os alunos e os acadêmicos coordenadores da oficina sobre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento e execução do que havia sido proposto. Em cada encontro foram desenvolvidas atividades diferentes, como jogos que estimulassem o toque, o respeito ao espaço, a condição social e física dos participantes.

Os encontros foram planejados previamente pelo grupo PET, de acordo com as necessidades da turma em questão, que foram relatadas pelo corpo docente e discente da escola. A partir das dificuldades de socialização e cooperativismo entre os alunos, o grupo pensou em atividades que propusessem aproximá-los através da cooperação, conscientizando-os sobre a importância da união e evitando, assim, acentuar rivalidades presentes em atividades que envolvam a competição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o início das atividades foi observado um certo atrito nas relações afetivas entre as crianças. Notado isso durante algumas práticas em que havia o contato físico, como segurar nas mãos dos outros colegas, geralmente por parte das meninas, apresentando resistência, não apenas quando tinham que dar as mãos aos meninos, mas também às outras meninas.

O que parecia incomodar eram as diferenças no nível socioeconômico, além de preconceitos raciais. Com o andamento das atividades e a realização de mais encontros

do projeto foi possível verificar que sempre quando em contato com alguém de outra etnia, durante as ações, algumas das crianças realizavam sem constrangimento o gesto de limpar as mãos na roupa.

Contudo, além desse comportamento não incomum, ocorreu outra situação que caracteriza o quanto a cultura competitiva estava presente naquele contexto; um jogo que possuía um objetivo simples e que necessitaria da cooperação entre todos os alunos para que seu objetivo fosse alcançado, acabou transformando-se no oposto, onde se evidenciou o quão competitivo encontram-se as crianças, sempre em busca de ser o primeiro, ser o melhor.

Não raramente, acabavam involuntariamente desrespeitando os colegas. No decorrer do projeto e a evolução da turma, as propostas de planos de aula, voltaram-se para a solidificação da turma em uma visão de grupo e permitindo que os alunos sugerissem atividades em que cada um pudesse sentir-se parte do todo, através do ato de jogar todos juntos, na intenção de norteá-los a futuras atitudes positivas, onde não tenham como premissa a exclusão.

O envolvimento ativo dos discentes nas atividades favoreceu a discussão e conscientização sobre os temas abordados. Entendemos desta forma ser necessária uma adaptação a esse estilo de vida imposta por inúmeros fatores da modernidade, devendo este ser norteado pela cooperação, tolerância e respeito pelo próximo.

Dessa maneira, buscar retomar valores congregados a fraternidade de nossa sociedade, corroborando a afirmação anterior Brotto (1999, p.40) “Dizer que quanto melhor um indivíduo se adapta ao meio ambiente em transformação, maiores são suas chances de sobreviver e se reproduzir, não implica, necessariamente, que o melhor modo de adaptação seja a competição”. Pelo contrário, “Charles Darwin afirmou, claramente que, para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social” (Orlick apud Brotto, 1999, p.40).

O mundo capitalista desde muito cedo vem a abalar as estruturas das relações. Como pode o desejo de ser bom ou melhor em algo, vir a superar o respeito nas relações com as outras pessoas? Ou isso não acontece atualmente?

Se na sociedade organizada todos se respeitam e entendem as diferenças, porque existe bullying nas escolas? (PEARCE, 1998, *apud* NETO, 2004, p.165, grifo do autor),

“Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”.

Visivelmente as pessoas envolvidas nos processos educacionais devem tomar providências para reinventarmos o caminho a ser seguido, pois não é normal nem aceitável a divulgação de que a homofobia aumenta o número de casos de evasão escolar, matéria veiculada no site “Síntese” em 2009 por Mahomed Saigg no Rio de Janeiro “Cerca de 20% dos alunos gays acabam abandonando as salas de aula devido a preconceito, discriminação essa que também contribui para a violência”.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caleem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos (NETO, 2005, p.165).

Entendemos que o jogo tem o papel fundamental nesse processo de reinvenção de uma sociedade e seus paradigmas, pois é o primeiro contato da criança com situações problemas, relacionamentos, frustrações, regras, deveres, etc. Como afirma Huizinga (1996, p.4) “[...] o jogo constitui uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, segundo outra, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo”,

Segundo coloca Huizinga (1996, p.1): “Já há muitos anos que vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”. Assim como o autor compreendemos também a percepção desse evento, pois toda uma personalidade se apresenta e se molda quando livre e isso se encontra no brincar de um jogo.

Acreditamos ser este o momento ideal de uma intervenção para auxiliar na construção de uma pessoa educada, solidária, que consiga se relacionar bem com os demais. Os jogos cooperativos podem vir a ser uma ferramenta importante para esse acontecimento. Segundo Brotto (1999, p.35, grifos do autor) “1º) Jogar COM o outro –

COOPERAÇÃO, 2º) Jogar CONTRA o outro - COMPETIÇÃO” ou ainda segundo Deutsch (1949, *apud* Brotto 1999, p.38) “Uma situação cooperativa é aquela em que os objetivos dos indivíduos são de tal ordem que, para que o objetivo de um deles possa ser alcançado, todos os demais integrantes deverão igualmente alcançar os seus respectivos objetivos”.

O que reforça a tese de se utilizar a vasta gama de atividades cooperativas para um bem maior, a integração com vista a promover o desenvolvimento tolerante dos indivíduos participantes. Como cita Huizinga (1996, p.3, grifo do autor) “[...] o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido”.

Alves, et al (2005, p.04, grifo do autor) “Transformando-se o esporte em jogo há a possibilidade da inversão (consequente) de valores. De competição e individualismo, à cooperação e companheirismo, alegria e prazer presentes no ato de brincar”. Através dos jogos cooperativos com a finalidade de unir as diversidades pode-se abolir -ou menos diminuir- os níveis de preconceito existente entre as crianças.

A intolerância é ainda mais presente em um mundo globalizado, onde se almeja constantemente, a cada dia mais, o status social e os bens materiais seguindo uma espécie de amostra para o que se poderia supor ser uma vida apropriada. Assim sendo, as intolerâncias existem em ampla escala, perpassando o racial, o linguístico, o gênero, é assim dentro do ambiente escolar, que se expõem grande parte dos preconceitos que marcam a vida de uma pessoa, sendo que este é um dos piores tipos de brutalidade: o da discriminação, da exclusão social.

São práticas que devem ser combatidas dia-a-dia, exaustivamente, para que tenhamos uma sociedade mais igualitária, justa e saudável. Segundo Adler (1957 *apud* Brotto 1999, p.42), “acreditava que somente através da cooperação com os outros, e operando como um valioso e cooperativo membro da sociedade, podemos superar nossas inferioridades reais, ou nosso sentimento de inferioridade”.

Desbravando o campo da Psicologia Social, os estudos de Deutsch (1949), citado por Brotto (1999, p.44-45), sobre cooperação e competição, nos fornece uma série de evidências relacionadas aos indivíduos em pequenos grupos quando colocados diante da necessidade de alcançar metas, ou solucionar conflitos:

SITUAÇÃO COOPERATIVA	SITUAÇÃO COMPETITIVA
Percebem que o atingimento de seus objetivos, é em parte, consequência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingimento de seus objetivos, é incompatível com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com frequência.	Ajudam-se mutuamente com menor frequência.
Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor.
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividades é menor.

(Brotto, 1999, p.45)

Comenta ainda Deutsch (1949) apud Brotto (1999, p.46) que: “A intercomunicação de ideias, a coordenação de esforços, a amizade e o orgulho por pertencer ao grupo, que são fundamentais para a harmonia e a eficácia, parece desaparecer quando seus membros se vêm em situação de competir para obtenção de objetivos mutuamente exclusivos. Ademais, há alguma indicação que a competição produza maior insegurança pessoal (expectativa de hostilidade por parte de outros), do que a cooperação”.

Baseado em constatações teóricas e o quadro auxiliar acima, vemos o quão importante pode vir a ser o trabalho aprimorado em jogos cooperativos para uma efetiva mudança de pensamento da sociedade e principalmente de nossas crianças que serão o futuro. Uma visão cooperativa ao jogar fará muita diferença na personalidade dos envolvidos. O objetivo principal dos jogos cooperativos é instituir oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa agradável (Orlick, 1989, p.123).

CONCLUSÃO

A oficina de jogos cooperativos alcançou seus objetivos principais, embora tenha sido uma experiência piloto. Foi possível através dos jogos cooperativos, proporcionar

atividades lúdicas e recreativas de grande valor para as crianças, que possivelmente refletirão em suas atitudes futuras.

No desenvolver deste trabalho, pensamos em expor o quanto uma experiência em um projeto de extensão agregou à nossa formação. Tal atuação proporcionou uma reflexão sobre como a realidade competitiva e excludente no meio escolar se reflete nas atitudes dos alunos e como nós, na condição de futuros professores, podemos atuar para que esse paradigma seja superado.

Entendemos a princípio que essa efetiva experiência e contínua disseminação do processo de conscientização de práticas tolerantes e de respeito à diversidade são questões imprescindíveis na educação, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, quando as crianças estão mais predispostas a incorporação de valores, concretizando assim, para serem levados ao longo de suas vidas.

Os jogos cooperativos e sua ideologia vão ao encontro da proposta de não priorizar o individualismo, assim como evidencia a colaboração, a interação social e as mudanças que trazem à sociedade, tornando-a mais democrática, com interações sociais mais harmoniosas e, principalmente, desenvolvendo uma consciência de respeito ao próximo.

Se adotarmos a cooperação como um meio de relação interpessoal, refletiremos sobre saúde, felicidade e expansão da consciência sobre cada um de nós individualmente, tanto quanto para todos aqueles ao nosso redor. (BROWN, 1994).

REFERÊNCIAS

ADLER apud BROTTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Editora Re-Novada. Santos, SP – Brasil, 1999.

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; FISCHMANN, Roseli. Crianças e Adolescentes: Construindo uma cultura da tolerância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ALVES, M, et al. Educação Física Escolar: Corpo, esporte e lúdico. Trabalho conpefe (Congresso Paulistano de Educação Física Escolar). Faculdade de Educação Física, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2005.

BARATA, Kátia M.A., BROTTTO, Fábio O. Jogos Cooperativos: um exercício de convivência. São Paulo: Editora SESC, 1999.

BROTTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos, São Paulo: Editora Re-Novada, 1999.

BROWN, Guillermo. - Jogos cooperativos: teoria e prática. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1994

DEUTSCH apud BROTTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Editora Re-Novada. Santos, SP – Brasil, 1999.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens “o jogo como elemento da cultura”. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1996.

MONTEIRO, Fabricio Pomponet. Transformação das aulas de educação física: Uma intervenção através dos jogos cooperativos. 2006. Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

NETO, A.A. Bullying. comportamento agressivo entre estudantes. Artigo de Revisão (Jornal de Pediatria, Copyright © 2005 by Sociedade Brasileira de Pediatria).

ORLICK apud BROTTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos, São Paulo: Editora Re-Novada, 1999

RICHARDSON, R. J. Pesquisa Social métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SOLER, R. Jogos Cooperativos para Educação Infantil. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.